

O fenômeno religioso na perspectiva da sociologia compreensiva de Max Weber

José Roberto de M. Ferreira¹
Adjair Alves²

RESUMO

Ao tratar da religiosidade, tema recorrente no campo das ciências sociais, em especial a Antropologia, a referência aos clássicos constitui premissa fundamental. Por clássicos, nos referimos à tradição que fundamentam os estudos no campo das ciências sociais, na qual aparecem como pais fundadores teóricos como Marx, Durkheim e Weber. A temática religiosa, embora esteja presente no universo de reflexões de outros, sobretudo Durkheim, este ensaio se propõe a discutir, a partir da perspectiva sociológica weberiana, isto é, buscamos destacar algumas das contribuições, fundamentais, da sociologia compreensiva para o estudo do fenômeno religioso.

Palavras-chave: Religiosidade. Tipos Ideais. Valor. Calvinismo.

¹ Graduado em História/UPE. Mestrando em Antropologia/UFPE/PPGA.

² Graduado em Filosofia/UFPE. Mestre e Doutor em Antropologia/UFPE/PPGA. Professor Adjunto UPE.

Na construção de uma etnografia da vida religiosa, a perspectiva teórica de Clifford Geertz, influenciada por Weber, nos permite pensar a religião a partir dos significados que os nativos atribuem aos signos religiosos; buscando compreender um dos modos pelos quais os nativos atribuem sentidos as suas ações em sociedade. A obra de Weber tem grande importância, nesse contexto, tendo em vista a ênfase dada ao sentido subjetivo da ação social, buscando entender os motivos atribuídos pelos indivíduos às suas práticas. Esta forma de abordagem enfoca, ainda, o processo de racionalização sofrido pela religiosidade, construindo uma forma de abordagem que a possibilita compreender como o asceticismo histórico da religião Protestante, se relaciona com a emergência do capitalismo. A maior contribuição do autor, neste sentido, é a forma inovadora de abordagem, pautada em “tipos ideais”, além de enfatizar o indivíduo como agente social.

1. Weber entre os clássicos

A discussão proposta por Weber destaca-se pela forma como aborda alguns elementos da vida social. Em sua obra se faz presente temas como da concepção de Estado no Ocidente e o Processo de Racionalização da sociedade na modernidade. Sua produção se dá de forma inovadora, com métodos revolucionários dentro das ciências sociais, pautado em modelos denominados “tipos ideais”. A sua abordagem é conceitual, baseada em modelos abstratos que permitem a apreensão dos fenômenos sociais.

Em seu livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Weber propõe discutir o desenvolvimento sistema capitalista, tomando como ponto de partida a emergência do

Protestantismo europeu. Nessa direção é possível entender como os valores se relacionam com a estrutura social. A religião é tomada como um sistema de valores que pode justificar e exprimir determinadas práticas sociais e econômicas e até mesmo possibilitar mudanças estruturais na sociedade. No caso, em particular, é analisado o asceticismo histórico da ética protestante emergente na Europa renascentista. Pode se afirmar que este autor pretendeu problematizar como as concepções religiosas elaboradas por Lutero e Calvino causaram impactos e mudanças nas relações sociais.

Nesse sentido seria correto afirmar que Weber, diferentemente de Marx (1977), não está preocupado com “a produção material da sociedade”, mas, como enfatiza Roberto Motta (1995: 65), com “as conseqüências da lógica interna de fatores culturais, ideias, atitudes ou valores”. É importante lembrar que os temas abordados por Weber se relacionam com os problemas refletidos por Marx, diferenciando-se, no entanto, no modo de problematizá-los. Enquanto o segundo enfatiza as relações estruturais e materiais da sociedade, o primeiro propõe um modelo de compreensão e abordagem que leva em conta, sobretudo, “o sentido subjetivo da ação social”, o que possibilita compreender os valores ou a “superestrutura” em uma linguagem marxista.

Não queremos com isso, dizer que Weber se opõe a interpretação marxista, uma vez que para ele “Marx, assim como Nietzsche foram os pensadores de seu tempo mais decisivos” (BARBOSA; QUINTANEIRO; 2003: 107). Trata-se, de sua oposição ao pensamento filosófico dominante de sua época: o positivismo. Em reação a visão mecânica da sociedade, surge a proposição de estudar os valores, tema caro, aliás, a Nietzsche. O campo da religiosidade, nesse sentido, se apresenta como via de acesso privilegiado a estes valores. O positivismo que prezava pela imparcialidade científica, pretendia fazer descrição objetiva ou “positiva” da realidade empírica. Essa concepção foi

contestada pela abordagem weberiana dos fenômenos sociais. Com a sociologia compreensiva é possível afirmar que a imparcialidade é contestada e que os indivíduos não são mais tomados como coisas e sim como sujeitos que produzem a ação social.

Se existe uma influência de Marx na obra de Weber, esta não está presente na forma de abordagem, mas no próprio tema recorrente de suas obras, “o capitalismo ocidental”. Nessa direção é destacado por ele o processo de racionalização e desencantamento do mundo, relacionando essa problemática com a emergência do sistema capitalista bem como a modernidade laica pautada na burocracia estatal.

Em relação à tese weberiana sobre a reforma protestante, o próprio Marx (1977) no livro “Contribuição a crítica da economia política”, já aponta para alguns aspectos que antecipam elementos da abordagem “compreensiva” de Weber. Isso ocorre quando Marx vai falar do processo acumulativo de riqueza, como propulsor do capitalismo, afirmando que “a apropriação da riqueza na sua forma geral, implica assim a renúncia à riqueza na sua realidade material” (MARX. 1977: 125). Há ainda uma aproximação entre os dois autores quando é evocada, por Marx, a figura do ‘entesoreiro’ que “despreza os prazeres seculares, temporais e efêmeros, para perseguir o tesouro eterno que não é destruído nem pela traça nem pela ferrugem, que é ao mesmo tempo, tão totalmente celeste e tão totalmente terrestre.” (Idem, p. 125). O entesoreiro é concebido nessa perspectiva como alguém, cuja função apresenta a acumulação como uma virtude.

A riqueza seria uma espécie de dom alheio à vontade individual, mas que a esta se sobrepõe. Dessa forma não deveria haver luxúria, a riqueza não deveria ser usufruída. Sendo assim sua principal função seria comprar, o mais barato possível, e vender o mais caro possível, para honra e alegria uma vez que o fim último de sua ação era o acúmulo, um fim em si mesmo. Muito próximo da hipótese desenvolvida por Weber sobre o

ascetismo protestante. Marx em seu texto já aponta para essa relação quando diz que “Aliás, o entesoreiro, na medida em que o seu asceticismo se coaduna com uma ativa aplicação ao trabalho, é de religião essencialmente protestante, e freqüentemente puritana.” (MARX; 1977: 126).

A religião protestante é emblemática do processo de racionalização que ocorre na Europa e se reflete em todo o Ocidente de maneira geral. Racionalização esta que coincide com a forma capitalista de produção. Um caminho possível para entender a teoria social de Weber seria pensar como é concebido o fenômeno da religiosidade formando uma “subjetividade coletiva”, provida de uma lógica interna. Em alguns casos, as formas de pensamento e de condutas fornecidos por uma determinada religião ou comportamento religioso podem interferir no processo econômico, como é o caso da ética protestante, que desenvolveu formas de concepções de como lidar com as riquezas ‘terrestres’ ao possibilitar a compreensão de que, para o mundo protestante, “ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de proficiência em uma vocação” (WEBER; 2005: 28). Embora o autor ressalte que “falar aqui de um reflexo das condições materiais sobre a superestrutura ideal seria patentemente insensato” (Idem: p. 39), é possível afirmar que as formas de condutas estabelecidas pela ética protestante eram em si, possíveis precursoras do “espírito capitalista”, o que o autor vem confirmar quando analisa o conceito de vocação em Lutero.

Na compreensão de Weber (2005: 45), a Reforma contribuiu para a valorização do trabalho e, conseqüentemente, a vida secular foi alterada: “o efeito da Reforma, como tal, em contraste com a concepção católica, foi o de aumentar a ênfase moral e o prêmio religioso para o trabalho secular e profissional”. Essa idéia está ligada ao conceito de vocação, analisado por Weber no luteranismo, enfatizando o trabalho como “designo” de

Deus, muito semelhante à concepção calvinista nesse aspecto. Diferente das idéias defendidas pela igreja católica que, quando hegemônica, antes da Reforma protestante, considerava o lucro como pecado.

O que o autor destaca ainda sobre o calvinismo, que também fazia parte da Reforma é que “a doutrina da predestinação era considerada seu dogma mais característico” (Idem: p. 55). A ideia da predestinação que o calvinismo pregava trazia consigo, na compreensão weberiana, elementos constitutivos da prática capitalista. Mas, a contribuição de tal teoria também traz à tona o indivíduo como agente histórico. Essa talvez seja uma das grandes contribuições de Weber para a teoria social, reconhecendo o papel do indivíduo e da ação social que este desempenha no processo histórico. Uma vez que o indivíduo era predestinado a algo e designado a cumprir essa predestinação como vocação, ele teria um papel de agente transformador dentro da sociedade com sua ação social.

Nesse sentido é importante perceber como é conceituada a ação social, “definida por Weber como toda conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta essa ação” (BARBOSA; QUINTANEIRO; 2003: 114). A religiosidade se mostra fecunda como condutora e precursora das ações sociais, já que, partindo dela, os indivíduos podem atribuir sentidos a sua existência e pautar suas escolhas em meio a valores.

A religiosidade é dotada de simbolismo e representatividade e, não só interfere nas relações sociais, como emana delas próprias. Para fazer menção ao pensamento de Durkheim, (1996); ela é um aspecto essencial e permanente da existência humana. A religiosidade exprime o homem, pois é um fenômeno social. Essa idéia se complementa com o pensamento da sociologia compreensiva de Weber quando a mesma tenta compreender como os indivíduos dão sentido a suas existências, pela religião. Durkheim, por sua vez, busca enfatizar a religião

como sistema social, dando ênfase ao fenômeno religioso como expressão da consciência e solidariedade social, ao passo que Weber busca entender como os indivíduos pautam suas escolhas guiadas pela concepção religiosa. Desta forma, criando valores e atribuindo sentido ao seu mundo, os indivíduos constituem práticas sociais. Isto é, idéias e relações socioeconômicas mantem-se articuladas numa relação dialética. Não se trata apenas de inverter a relação de determinação entre infraestrutura e superestrutura, focando uma ou outra, criando uma dicotomia, mas perceber como o aspecto religioso pode constituir práticas sociais, ao consolidar formas de ser no mundo.

De outra forma, como afirma Mircea Eliade (S.D. p.27), a religiosidade dá o sentido de *ser* no mundo. A normalidade social se constitui como sendo fruto dessa relação de dependência que o religioso estabelece com os valores. O dia-dia é encarado como normalidade, pois a compreensão de mundo está pautada em um caráter ontológico da religião. Aqui muito mais importante do que perceber como a religião pode alienar os sujeitos, é imprescindível ver antes as formas e valores que dela emanam. A mesma não só traduz a realidade, mas a constitui e transforma.

Perspectiva que se aproxima da de Weber quando este aponta a predestinação calvinista como uma concepção de ser e estar no mundo, na medida em que tenta buscar elementos do espírito capitalista na ética religiosa dos protestantes da Europa, sobretudo pós séculos XV e XVI. Esse período (MARX 1977), vale ressaltar, contribui para se compreender a ebulição e transformação social em que a burguesia se firmava como classe emergente. Como a ética desenvolvida pela concepção religiosa da Reforma protestante criou novos valores, saindo das amarras da igreja Católica, mais precisamente do sistema Feudal, das formas de vassalagem, possibilitou uma mudança de mentalidade que coincidiu com a relação “Trabalho X Salário”, que posteriormente resultaria na relação de classe: “Burguesia X

Proletariado”. Era inevitável, então, a ruptura com a mentalidade da época anterior. Nesse sentido, Weber busca entender como a religião cristã, agora reformada, possibilitou a criação de um novo *ethos*.

Há, na obra de Weber (2005: 83), a busca pela compreensão de como as “ações sociais” dos indivíduos do contexto pós-Reforma conduziram a uma nova situação econômica. Aí surge o que ele vai chamar de “asceticismo cristão”. Ao mesmo tempo em que a idéia de predestinação e o asceticismo histórico buscavam a verdade acerca da salvação e via nas riquezas uma comprovação da vontade de Deus, desígnio divino, de onde emana todo poder e graça, os mesmos tinham a riqueza como uma ameaça às tentações da carne e fonte de perdição, na medida em que o indivíduo passava a valorizar as riquezas e esquecia que, acima de tudo, o que deveria prevalecer era a vontade de Deus. A esse respeito Weber afirma: “combinando a restrição do consumo com essa liberação da procura de riqueza, é óbvio o resultado que daí decorre: a acumulação de capital através da compulsão ascética a poupança” (Idem: p. 94).

Um traço importante na obra weberiana é que os aspectos religiosos da ética protestante não são vistos como os únicos determinantes do capitalismo, sendo interpretados como possibilidade, como uma afinidade. A visão determinista não prevalece, sendo oferecidos, argumentos que podem convencer o leitor a crer que os motivos subjetivos das ações sociais que conduziram ao desenvolvimento capitalista estavam na religião protestante. É o que afirma sobre os elementos capitalistas que, segundo o autor, já estavam presentes antes mesmo dos protestantes, aparecendo em outras situações e relacionadas a outras etnias ou épocas, como os judeus que “participavam do capitalismo aventureiro, político e especulativo, seu *ethos* numa palavra, era o do capitalismo pária - enquanto o puritanismo se baseava no *ethos* da organização racional do capital e do

trabalho” (WEBER; 2005: 91).

Mesmo sendo uma narrativa elaborada dentro da perspectiva dos “tipos ideais”, os argumentos são persuasivos. “Tipos ideais”, nesse sentido, são compreendidos como “conceitos tipo vazios frente à realidade concreta do histórico e distanciadas desta, mas unívoca porque pretendem ser fórmulas interpretativas através das quais se apresenta uma explicação racional para a realidade empírica” (BARBOSA; QUINTANEIRO; 2003: 112).

Assim Weber contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento das ciências sociais, trazendo para o debate uma nova forma de abordagem a temas que passaram a ser caros a tal ciência. Por isso inovou em seu método e forma de abordagem, singular por reconhecer o papel que o indivíduo desempenha na sociedade e o sentido que o mesmo atribui à ação social.

O tema da religiosidade foi importante na compreensão do processo histórico de consolidação do capitalismo, “dando” aos indivíduos parâmetros de comportamento ético-moral, dentro dos quais os sujeitos históricos atribuem sentidos a sua vida em sociedade. A religião aparece como um aspecto cultural, como no sentido empregado por Edmund Leach (1996: 32) quando afirma ser a cultura a “roupagem de uma situação social”.

Nesse sentido, um caminho possível e importante, seria levar em conta os significados atribuídos às ações religiosas, uma interpretação compreensiva dos signos religiosos dentro dos aspectos culturais, focando dessa forma a atitude do religioso.

Aqui cabe uma distinção entre explicar e compreender a realidade social. A sociologia weberiana (assim como a antropologia interpretativa de Geertz) se propõe a fazer uma compreensão dos sentidos atribuídos aos agentes históricos a suas ações sociais. Talvez por isso a religião tenha sido um tema recorrente em tais abordagens. Por ter esta um conjunto de significados que permite ao homem dar sentido e fundar seu mundo frente ao Sagrado, assim como ao Profano, ela tem se

constituído no principal vetor do comportamento humano. Compreender os significados das ações do homem religioso é diferente de ter uma explicação acerca da mesma atitude. Explicar implica a apreensão do fenômeno e, nesse sentido indica a condição da objetividade como um “dado”, por sua vez a interpretação do fenômeno, aponta para a subjetividade de sua captura. O sujeito é aí, implicado em sua apreensão do fenômeno.

2. A face weberiana de Geertz: a herança interpretativa da Antropologia.

Robert Layton, (2007) assim como Adam Kuper (2002) dizem ser Geertz um representante da antropologia pós-moderna, ainda que ele não se reconheça como tal. Polêmica à parte, o fato é que Geertz fundamenta-se na teoria weberiana. A antropologia interpretativa geertziana pretende fazer uma nova forma de abordagem dos fenômenos culturais, também influenciada pela semiótica, ao tratar os significados nativos com relevância interpretativa. Sendo a antropologia concebida como uma ciência teórica que faz uma hermenêutica dos significados culturais, o conceito de cultura é reformulado: o “todo mais complexo” de Tylor já não atende a essa abordagem teórico-metodológica. Assim Geertz, ao reformular o conceito de cultura, a fim de torná-lo menos abrangente e mais eficaz, recorre a sociologia compreensiva de Weber, afirmando que:

O conceito de cultura que eu defendo, é essencialmente semiótico. Acredito assim como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele

mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essa teia e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado. (GEERTZ; 1989:15)

Assim Geertz formula a teoria interpretativa que causou impacto e inovou o campo da Antropologia e das ciências sociais como um todo. Um fato curioso é que Geertz (1989) traz o tema da religião para a discussão e trata a mesma como sistema cultural. Sistema simbólico que se manifesta em uma cultura, em particular, sendo assim entendido como:

Um sistema de significados e símbolos... em cujos termos os indivíduos definem seu mundo, revelam seus achados e fazem seus julgamentos;" "um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam-se, perpetuam-se, desenvolvem seu conhecimento o sobre a vida e definem sua atitude em relação a ela;" "um conjunto de dispositivos simbólicos para controle do comportamento, fontes extrasomáticas de informações. (GEERTZ. apud. KUPER; 2002: 131 e 132)

Ao proceder dessa forma traz a importância do sentido e significados que os homens dão a suas ações, ao seu mundo, contribuindo para compreender como os nativos estudados em abordagens antropológicas constroem ou formulam e vivem em sociedade. O simbólico é tomado como um aspecto relevante e eficaz na construção da vida coletiva.

O interessante é perceber como Geertz (2001: 151) trata

a religião como um fenômeno coletivo, que acontece em um contexto social, provido de tradição e traduzido em um sentido para a vida do indivíduo. O autor não faz dicotomia entre o aspecto coletivo e individual da religiosidade. Ao tomar o caso emblemático do Dalai Lama, quando sai pelo mundo reivindicando o reconhecimento da causa do Tibete, é possível dizer que não há nada de particularmente privado - encoberto, talvez ou sub-reptício, mas dificilmente privado. E outros tantos casos são emblemáticos, como o que se denomina problema étnico religioso que tem causado debates e incômodo em algumas pessoas; o que dizer de 20 milhões de Islãs que estão atualmente na Europa, o problema da Turquia que ainda tem ressalvas para na União Européia por conta de sua população massivamente mulçumana.

O autor aponta também para questões étnicas e culturais que estão por trás de muitos grupos religiosos, sobretudo quando fala do Oriente Médio. Mas, o que fica claro é que a religião é um tema relevante para pensar o mundo contemporâneo. As questões políticas em muito estão atreladas ou recorrem à religiosidade para justificar interesses de grupos ou maquiagem manobras econômicas.

O Brasil é um exemplo clássico de como uma questão religiosa pode se tornar tema polêmico e de debates políticos. A questão do 'aborto' foi usada em época de campanha eleitoral em 2010 e tinha como pano de fundo, argumentos políticos que se fundavam em valores religiosos. A justificativa era que essa questão estava ligada a valores que podiam causar problemas quanto a concepção de família e da vida. Deixando a razão instrumental da campanha de lado, o interessante é como um tema que poderia ser debatido por diferentes prismas vai ser analisado justamente por pressupostos "religiosos ou morais". E como os sujeitos tomam partido de uma questão política tendo como fundamento e pressuposto o aspecto religioso em um país que já passou por um processo de laicização. Mas exemplos

como estes que trazem à cena pública a religiosidade “nos faz crer que o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas” (GEERTZ. 2001:155).

Dessa forma uma simples escolha religiosa que um sujeito pode tomar traz consigo implicações éticas e morais. Em seu texto clássico sobre religião “O Beliscão do Destino,” Geertz possibilita entender o contato pessoal de uma pessoa com a religiosidade, a convenção e devoção sendo tomadas como o sentido que o homem como sujeito passa à atribuir a sua forma de viver, construindo um conjunto de significados, ao redor dos quais operam questões inter-relacionadas, sejam de ordem econômicas, políticas ou religiosas. Segundo Geertz (2001:153) devemos a Weber o fato de entender que o “*sentido*” possa ser visto como algo mais, ou como algo diferente de um verniz convencional, aplicado sobre uma realidade estável, dessa forma entendendo que prática e subjetividade sociais andam juntas ou ao menos se entrelaçam.

Em um texto intitulado “O futuro das religiões” Geertz (2006) diz ser possível perceber como a religião compõe um sistema de valores, resistindo aos quatro cavaleiros da modernidade: secularismo, nacionalismo, racionalização e globalização.

Desde a época das sociologias clássicas – Comte (1798-1857), Durkheim (1858-1917), Tönnies (1855-1936) e Max Weber (1864-1920) –, a história da sociedade, e especialmente a da sociedade ocidental considerada como seu objetivo e estágio mais avançado, foi descrita como um movimento regular, inevitável e cumulativo de um pólo cultural claramente definido a outro – da magia à ciência, da solidariedade mecânica à solidariedade orgânica, da tradição à razão: o

mundo desencantado, o eu liberado de seus entraves. (GEERTZ: 2006).

Diante deste contexto é possível entender porque não devemos falar em fim ou retorno das religiões, pois esta sempre esteve presente, não desapareceu, assumiu diferentes formas e variações ao longo da história da humanidade. O que variou foi o olhar sobre ela; a ciência sempre tem diferentes formas de abordagem. Além disso, concepções filosóficas como o Positivismo apontavam para o fim ou superação das religiões, criando dessa forma mais um sistema de crença, na qual iriam se pautar algumas mentes e teorias.

As formas de conceber a religiosidade muitas vezes pressupunham o surgimento da ciência em detrimento da mesma ou o desencanto do mundo pelo processo racional (o que poderia levar a mesma a uma crise), ou ainda o fim das religiões e surgimentos de crenças cada vez mais particularizadas e individuais. A esse respeito vejamos ainda o que diz Geertz (2006: p.2):

Em lugar e em vez da comunidade solidária agregada por representações coletivas (o sonho de Durkheim), surgiu uma rede à maneira de Georg Simmel (1858-1918), difusa e desprovida de centro, conectada por afiliações genéricas, multidirecional e abstrata. A religião não se enfraqueceu como força social. Pelo contrário: parece se ter reforçado no período recente. Mas mudou – e muda cada vez mais – de forma.

Essa forma de compreender o fenômeno religioso dá subsídios para entender as variações religiosas e como os indivíduos atribuem sentido a suas existências, problematizando

os motivos da ação social dos sujeitos, fornecendo diferentes formas e padrões comportamentais, compreendendo que o mesmo fenômeno varia e resiste ao longo do tempo, relacionando-se com diferentes aspectos da vida em sociedade. O que demonstra que a mesma é um aspecto importante da vida em sociedade, provido de um caráter simbólico. Dessa forma é imprescindível levar em conta o fenômeno religioso para entender a vida em sociedade.

Considerações finais:

Ao focar o caráter subjetivo da ação social, Max Weber constrói uma alternativa de abordagem dos fenômenos sociais que possibilita entender os indivíduos como agentes sujeitos produtores de sentidos e significados nas ações em sociedade. Diferente das concepções economicistas e positivista, ao tratar do tema da ética protestante e do capitalismo, Weber não prioriza a determinação do econômico sobre os valores morais, pretendendo evidenciar como os valores interferem na relação estrutural da sociedade. Por isso sua obra causa impacto entre as teorias sociais estabelecidas. Embora seja questionável quanto ao procedimento metodológico, sua teoria faz repensar o fenômeno religioso que outras abordagens pressupunham o fim ou superação, a exemplo do positivismo de August Comte.

Se Weber é importante por abordar o fenômeno religioso e problematizar a superestrutura da sociedade ocidental a fim de entender o fenômeno das religiões protestantes no século XX, também de fundamental importância é levar em conta sua contribuição e influência sobre a antropologia, particularmente o interpretativismo geertziano. Afinal foi com base na sociologia compreensiva que este reformulou o conceito de cultura e desenvolveu a sua abordagem antropológica. Não por acaso, este

conceito serve muito bem para explicar os sistemas religiosos, tema que está presente ao longo de suas obras.

Entre Marx, Durkheim e Weber, este último é o que mais está associado a abordagem da subjetividade, a compreensão do caráter individual. Talvez o segundo seja o mais lido, ou melhor, mais tenha influenciado perspectivas analíticas no campo antropológico no que diz respeito à religião. Mas é com Weber que o sentido que os religiosos atribuem as suas ações podem ser compreendidas de forma heurística. Uma vez que este trabalha com tipos ideais. E assim deve ser o procedimento antropológico, trabalhar como modelos teóricos, mensuráveis, que possibilitem entender e interpretar a realidade, mas sem negligenciar a subjetividade dos nativos estudados, levando em conta o valor que os mesmos atribuem à suas ações.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Lisboa: Livros do Brasil. [s/d]

GEERTZ. Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC, Rio de Janeiro; 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O Futuro das religiões**. Folha de São Paulo, 14/05/06.

LAYTON. Robert. **Introdução à teoria em antropologia**. Lisboa: Edições 70. 2007.

LEACH, Edmund Ronald. 1996. **Sistemas políticos da alta Birmânia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

KUPER. Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. EDUSC, 2002.

MARX. Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

MOTTA. Roberto. **Notas para a Leitura de A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, Estudos de Sociologia**. (Recife, Universidade Federal de Pernambuco), v.1, n.2, 1995, pp. 65-83.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; QUITANEIRO. Tânia; Max Weber. In: QUITANEIRO. Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Marica Gardênia de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**.. 2ed. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2002, p.107-150

QUITANEIRO. Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Marica Gardênia de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**.. 2ed. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2002.

WEBER. Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2 ed. São Paulo: Pioneiro Thomson Learning, 2005.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999. Volume 1 e 2.

_____. **Três tipos de poder e outros escritos**. Tribuna

Diálogos N.º 7 – José Roberto M. Ferreira & Adjair Alves – O fenômeno...
da História, Lisboa, 2005. www.lusosofia.net